

Entrevista com Gilbert Achcar: o que aconteceu com as primaveras árabes?¹

Nada Matta

Doutoranda de Sociologia na New York University (Estados Unidos)

¹ Tradução de Fernando Pureza. Optou-se por utilizar o termo “primaveras árabes” no plural. Embora no inglês original o texto se refira à “primavera árabe” no singular, pelo próprio teor dos autores parecia mais coerente traduzi-lo para o plural no português (N. do T.).

O que aconteceu com as primaveras árabes?

Resumo: Mais de cinco anos após o início das insurreições, conhecidas por Primavera Árabe, em diversos países do Oriente Médio, Nada Matta e Gilbert Achcar analisam algumas das questões mais importantes sobre esses processos revolucionários. Discutem o movimento das forças contrarrevolucionárias que, compostas pelos antigos regimes e por forças fundamentalistas islâmicas, reconquistaram a iniciativa política e agora estão violentamente competindo por controle. Exploram a ditadura no Egito e as guerras civis ocorridas na Síria, no Líbano e no Iêmen, com centenas de milhares de pessoas morreram e milhões foram deslocados. E projetam as possibilidades de uma revolução em longo prazo.

Palavras-chave: 1. Primavera Árabe; 2. Revolução; 3. Contrarrevolução.

What happened to the Arab Spring?

Abstract: More than five year after the beginning of the uprisings, known as the Arab Spring, Nada Matta and Gilbert Achcar analyze some of the most important issues about these revolutionary processes. They debate the movement of the counterrevolutionary forces that, composed by the old regimes and Islamic fundamentalist forces, regained their political initiative and are now violently competing for control. They analyze the dictatorship in Egypt, and the civil wars in Syria, Lebanon and Yemen, where hundreds of thousands died and millions were displaced. And they project the possibilities of a revolution in the long term.

Keywords: 1. Arab Spring; 2. Revolution; 3. Counter-revolution.

Em 2016 comemora-se o sexto aniversário do início das insurreições árabes. Iniciada na Tunísia, no dia 17 de dezembro de 2010, uma contagiosa onda revolucionária se espalhou pelo mundo árabe. Milhões de pessoas foram às ruas exigindo dignidade, democracia e justiça social. Mobilizações de massas numa escala sem precedentes na história recente ocorreram na Tunísia, no Egito, na Líbia, no Bahrain, no Iêmen e na Síria e transformaram as dinâmicas políticas e sociais de toda uma região. Uma política de esperança tornou-se possível.

Mais de cinco anos após o início dessas insurreições, contudo, forças contrarrevolucionárias compostas pelos antigos regimes e por forças fundamentalistas islâmicas reconquistaram a iniciativa política e agora estão violentamente competindo por controle. O Egito está sob uma ditadura ainda pior do que a anterior às revoltas e guerras civis ocorreram na Síria, no Líbano e no Iêmen. Centenas de milhares de pessoas morreram e milhões foram deslocados.

Para compreender essa conjuntura, suas principais características e possibilidades, Nada Matta e Gilbert Achcar – importante analista político sobre os conflitos na região – procuraram responder a algumas das questões mais importantes sobre esses processos revolucionários.

Nada Matta. *Quando as primaveras árabes começaram, você apontou logo no início que aquele seria um longo processo de lutas que incluiriam períodos de sucessos e recuos. Cinco anos se passaram desde essas revoltas e qual é sua avaliação geral?*

Gilbert Achcar. Para esclarecer os termos da discussão, inicialmente a visão dominante, especialmente da mídia ocidental, é de que a região árabe estava

entrando num período de transições democráticas, as quais levariam semanas ou até mesmo meses em cada país e que elas também seriam relativamente pacíficas, guiando a região para uma nova era de democracia eleitoral.

De acordo com esse ponto de vista, essa transição havia sido atingida na Tunísia com a derrubada de Ben Ali e a queda de Mubarak no Egito. Acreditava-se que esse mesmo padrão iria se espalhar para a maior parte dos países daquela região como um efeito dominó, semelhante ao que teria acontecido no Leste Europeu entre 1989 e 1991. Essa visão foi adequada ao rótulo “primaveras árabes” e se espalhou rapidamente.

Também foi previsto, segundo essa visão, que as “primaveras” seriam resultado de uma mutação política e cultural nascida a partir de uma nova geração que estaria conectada a uma cultura global, graças às novas tecnologias de informação e comunicação. De acordo com esse ponto de vista, as insurreições foram essencialmente – quando não exclusivamente – lutas por liberdade e democracia.

Essa posição não estava completamente errada, é bem verdade. Essas dimensões definitivamente eram um aspecto saliente das insurreições. Porém, o ponto central que eu procurei enfatizar desde o início é de que as raízes profundas desse levante regional eram sociais e econômicas, antes mesmo de serem políticas. O que aconteceu, primeiramente, foi uma explosão *social*, ainda que ela tenha tomado um caráter político – o que ocorre com qualquer explosão *social* em grande escala.

O seu antecedente social poderia ser visto a partir do fato de que os levantes inicialmente ocorreram em dois países que tinham testemunhado o mais impressionante acúmulo de lutas sociais, de lutas de classes, durante os anos anteriores: Tunísia e Egito. Os próprios *slogans* da insurreição não eram apenas políticos, sobre democracia e liberdade, mas continham muitas demandas sociais.

Por este ângulo, as revoltas regionais poderiam ser analisadas, a partir de lentes marxistas, como um caso clássico de revolução social resultante de um prolongado bloqueio do desenvolvimento que caracterizou a região de língua árabe por cerca de três décadas, com recordes extremamente baixos de produção e altos índices de desemprego, especialmente entre os jovens. Eu estava particularmente preparado para ver as coisas por esse ângulo, já que eu

dava aulas sobre “Problemas do Desenvolvimento no Oriente Médio e no Norte da África” durante muitos anos antes das revoltas. Para mim, era claro que o bloqueio do desenvolvimento na região iria, cedo ou tarde, levar a uma grande explosão social.

Foi por isso que descrevi, tão logo os levantes começaram na Tunísia, no dia 17 de dezembro de 2010 e que se espalhou pelo restante da região, como o início de um processo revolucionário de longa duração. Com isso, eu me refiro ao processo histórico de revolução que se desdobra não em semanas ou em meses, mas durante anos e até décadas. As insurreições iniciaram um período de longa duração de instabilidade regional que necessariamente teria altos e baixos, levantes revolucionários e recuos contrarrevolucionários, e claro, envolveriam também bastante violência.

Inicialmente eu parecia ser um pessimista, porque eu falava para as pessoas ficarem calmas diante da euforia que estavam tomadas, procurando deixar claro que isso estava longe de ser o fim dessa história, que aquilo que estava em jogo era extremamente complexo e difícil, que levaria ainda um longo tempo e que não seria pacífico. Eu também enfatizei desde o início que os cenários tunisiano e egípcio de derrubadas pacíficas de regimes não poderiam se repetir em países como a Líbia e a Síria, ou mesmo nas monarquias da região: e eu disse isso antes das insurreições começarem nesses países.

Todavia, hoje em dia eu devo parecer mais como um otimista, afirmando que o processo revolucionário está longe de ter acabado e convidando as pessoas a se animarem e se livrarem do pessimismo dominante que estão mergulhadas. A situação parece desastrosa e catastrófica em muitos países: primeiramente na Síria, claro, onde uma grande tragédia está ocorrendo, mas também no Iêmen, na Líbia e no Egito. Porém, isso tudo não significa que é o fim. Não haverá estabilidade na região, numa longa duração, a menos que mudanças radicais sociais e políticas ocorram.

Para deixar claro, isso não quer dizer que é inevitável que tais mudanças ocorram. Minha atitude não é de otimismo, mas sim de apreender as dinâmicas dessa crise numa perspectiva histórica e demarcar que ainda há esperança. A única previsão segura que pode ser feita é de que na falta de uma emergência das condições políticas subjetivas para as mudanças políticas e sociais (como, por exemplo, forças políticas organizadas levantando as bandeiras de mudanças

progressistas), a região está condenada a viver mais desastres como os que temos visto ocorrerem nos últimos dois anos.

Nada Matta. *Você pode descrever as causas sociais e econômicas que teriam levado às insurreições? O que é esse prolongado bloqueio do desenvolvimento que teria conduzido às revoltas?*

Gilbert Achcar. Eu analiso isso de forma mais detalhada nos dois primeiros capítulos de meu livro, *The People Want. A radical exploration of the arab spring* (Achcar, 2013). Para resumir, se você olhar para as taxas de crescimento econômico na região de língua árabe, comparando-as com outras partes da África e da Ásia, é impossível deixar de notar que elas estão muito baixas. As taxas de crescimento do PIB, especificamente o crescimento do PIB *per capita*, têm sido muito baixas. Isso significa que as economias foram incapazes de criar empregos que dessem conta do crescimento demográfico, o que acabou produzindo desemprego massivo, especificamente entre os jovens e as mulheres. O mundo árabe ostenta as maiores taxas de desemprego do mundo nas últimas décadas.

Esse prolongado bloqueio do desenvolvimento produziu consequências sociais explosivas: não apenas o massivo desemprego, mas também uma série de problemas sociais que incluíram um enorme aumento da desigualdade em âmbitos locais e regionais. A coexistência de uma grandiosa e deslumbrante riqueza com a miséria extrema criou grande frustração. O problema piorou consideravelmente desde o *boom* do petróleo nos anos 1970. E como eu dizia, a verdadeira questão em 2011 não era nem tanto perguntar por que a explosão ocorrera, mas sim por que ela levou tanto tempo para ocorrer diante do potencial explosivo dessa sobre-acumulação de capital.

Agora, a razão por trás desse bloqueio do desenvolvimento pode ser encontrada nas consequências do neoliberalismo no contexto árabe. Como muitos países do mundo, as nações árabes começaram a adotar o paradigma neoliberal nos anos 1970. Isso levou a uma gradual retirada do Estado perante a economia. De acordo com o credo neoliberal, a redução do investimento público seria compensada pelo setor privado, a qual muitas iniciativas foram oferecidas. Esse modelo de crescimento privado funcionou em alguns países com condições apropriadas, tais como Chile, Turquia, ou Índia, ainda que tenha

tido um altíssimo custo social. Na região árabe, contudo, ele simplesmente não tinha como funcionar – e isso por causa do caráter do próprio Estado.

A vasta maioria dos países árabes combinavam duas características: a primeira, é que eles eram Estados rentistas, ou seja, países onde as rendas (derivadas de recursos naturais ou de funções estratégicas) constituíam uma parte considerável das verbas do Estado. A segunda, é que eles também eram Estados que estavam pendendo para uma posição “patrimonial” ou “neopatrimonial”, onde a maior peculiaridade era a existência de um núcleo de Estados *patrimoniais*, ou seja, Estados que eram “propriedade” de um grupo dominante que o utilizava para seus interesses e propósitos, diferente do “Estado moderno” onde os grupos dominantes nada mais eram do que funcionários públicos. Essas características levaram ao que eu chamei de “determinação política dominante da orientação da atividade econômica”.

Se você acrescentar as condições políticas de alta instabilidade e conflito na região, você entende que não havia como o setor privado ser um motor para algum tipo de milagre econômico tal qual os neoliberais querem acreditar. O investimento privado seguiu sendo bastante limitado, destinando-se em grande parte para atividades especulativas e orientados para lucros rápidos. O declínio e a estagnação dos investimentos públicos não foram compensados pelo setor privado. O modelo neoliberal fracassou miseravelmente no mundo árabe.

Tudo isso aponta para o fato de que os levantes foram o resultado de uma crise estrutural e não um momento episódico, ou cíclico. E não foram um processo de democratização acompanhados de um longo período de desenvolvimento, como ocorrera em alguns dos países “emergentes”, mas sim o resultado de um longo bloqueio. A conclusão lógica, portanto, é de que os países da região necessitam de uma mudança radical em suas estruturas sociopolíticas para conseguir superarem esse entrave. Remover a ponta do iceberg, assim como derrubar Ben Ali ou Mubarak e suas respectivas gangues, não poderia acabar com o tumulto. E, portanto, fica aqui a minha ênfase inicial sobre a longa duração e sobre a noção de “processo revolucionário”, que é distinta de uma “revolução” *tout court* que seria encerrada com a queda do regime autocrático.

Nada Matta. *Como as dificuldades econômicas e os desafios desenvolvimentistas se traduzem em movimentos de massas em prol de mudanças como o das insurreições? O nível dessas dificuldades, tais como o desemprego, faz diferença? Um contra-argumento poderia ser de que as dificuldades econômicas e os desafios desenvolvimentistas existiram nos países árabes e em outros países durante longos períodos, mas eles não geraram revoltas.*

Gilbert Achcar. Esse não é realmente um contra-argumento porque nós estamos descrevendo aqui um bloqueio que veio piorando nas três últimas décadas. Isso leva a efeitos cumulativos. Um deles é o aumento da massa de desempregados. Os índices de desemprego sequer se estabilizaram durante esse período. Eles aumentaram e atingiram um nível ainda maior nos últimos anos. E em algum ponto esse efeito social cumulativo de um bloqueio econômico tende a provocar uma explosão em regimes hermeticamente fechados. Isso para falar de um aspecto.

Por outro lado, há um grande número de fatores políticos que intervêm para determinar a explosão. Eu peguei emprestado de Althusser o conceito de *sobredeterminação* aplicando-o a eventos históricos. A explosão estava sobredeterminada no sentido de que, além da estrutura social e dos fatores econômicos, um número de fatores políticos também interviu. Um deles, por exemplo, foi o efeito desestabilizador das guerras imperialistas na região, em especial a ocupação do Iraque. Esses diversos fatores ocorreram de forma concomitante para produzir os grandes levantes. Mas nem todos eles tiveram o mesmo peso: os fatores sociais e econômicos são os mais importantes, mas a combinação deles havia sido particularmente explosiva.

Nada Matta. *Que grupos sociais tiveram um papel na organização dessas insurreições? Os organizadores vieram de um perfil específico de classe e por que? Havia diferenças entre os países árabes?*

Gilbert Achcar. Havia diferenças, é claro, mas há algumas características comuns a eles. Deixe-me começar por isso. A mídia retratou esses movimentos como liderados por jovens sagazes e conectados que formaram redes de contatos a partir das mídias sociais. As insurreições chegaram a ser chamadas

de “revoluções de Facebook”. Novamente, isso não era de todo errado, mas era apenas uma parte da verdade. Entre os organizadores dos protestos havia, de fato, jovens conectados por redes sociais. E eles desempenharam um papel fundamental na organização das manifestações e protestos de uma ponta a outra do mundo árabe, do Marrocos até a Síria.

Há, contudo, outras forças às quais a mídia não deu muita atenção. Elas surgem necessariamente se você perguntar: por que a primeira vitória das insurreições foi na Tunísia e por que o Egito foi o próximo país, por que esses dois países mostraram o caminho? E se você investigar o assunto adequadamente, você poderá notar que uma característica comum dos dois países é a importância do movimento operário. A Tunísia possui o único movimento sindical organizado forte na região, mantendo um certo grau de autonomia perante o governo, o que permitiu que organizações classistas atuassem nas bases.

A UGTT (do acrônimo francês de Sindicato Geral dos Trabalhadores Tunisianos) é uma considerável organização e que desempenhou um papel central na história social e política do país. Entre os seus organizadores há muitas pessoas de esquerda. A UGTT foi a grande organizadora dos levantes na Tunísia assim que tudo começou a ocorrer. Sem ela, o movimento nunca teria conseguido a vitória que teve num período tão curto de menos de um mês.

Sob a pressão de alguns de suas ramificações, tais como o sindicato dos professores, a UGTT se envolveu na organização do movimento e proveu a ele um forte ímpeto. Suas ramificações locais também tiveram um importante papel nas regiões onde as insurreições começaram a se espalhar e elas seguiram pressionando a liderança da UGTT a entrar na briga. A UGTT começou a organizar greves gerais itinerantes, numa região após a outra. O dia que Ben Ali fugiu da Tunísia, em 14 de janeiro de 2011, é o dia em que a greve geral havia chegado até a capital. Então, a UGTT era, de fato, a grande organizadora das revoltas na Tunísia.

No Egito não havia nenhum equivalente da UGTT: o movimento operário organizado está sob controle governamental, com a exceção de alguns sindicatos independentes que ainda eram novos e pequenos quando os levantes começaram. O movimento foi liderado, por sua vez, por um cartel de forças políticas. Os ativistas de Facebook certamente tiveram um papel, mas é bastante

ridículo reduzir as revoltas egípcias a Wael Ghonim, o chefe de marketing da filial regional do Google que criou uma famosa página de Facebook e não estava sequer no Egito, mas em Dubai. Também é ridículo retratá-lo como figura central das insurreições, tal como a mídia mundial fez por um breve momento.

Não foi apenas uma rede virtual que chamou pelos protestos massivos de 25 de janeiro, mas um grupo de dezessete forças políticas. As redes políticas reais ativas estavam envolvidas. Ao prepararem o terreno para as insurreições, e esse é um ponto decisivo, a ação do movimento operário foi crucial. A explosão do Egito veio após cinco anos de uma impressionante onda de lutas de trabalhadores, a mais importante na história do país. Essa onda chegou ao seu pico entre 2007 e 2008, mas manteve-se em alta até 2011. Durante o levante, no início de fevereiro, a classe trabalhadora entrou em ação: centenas de milhares de trabalhadores entraram em greve tão logo o governo convocou-os para que voltassem ao trabalho. Essa onda de greves foi fundamental para precipitar a queda de Mubarak.

Essas foram as verdadeiras forças que tiveram um papel central no Egito e na Tunísia. No Bahrain também os trabalhadores tiveram protagonismo e isso foi completamente ignorado. Lá, assim como na Tunísia, você tinha um movimento de trabalhadores independentes organizados, ainda que menos poderoso que o tunisiano, mas que teve um papel crucial na fase inicial nos protestos ao organizar uma greve geral. O movimento dos trabalhadores barenitas foi duramente reprimido e não apenas politicamente, mas também seguido de demissões em massa de trabalhadores. Mesmo no Iêmen os protestos foram precedidos por uma onda de greves operárias.

Em países como a Síria ou a Líbia, por outro lado, devido aos seus governos extremamente ditatoriais, não havia grupos organizados autônomos pré-existentes, fossem eles políticos ou mesmo sociais. A maioria dos opositores políticos tinha ido para o exílio após sofrerem terrível repressão na sua terra natal – e havia um número significativo de assassinatos de dissidentes até mesmo no exterior. Qualquer pessoa anti-regime que ficasse na Síria estava sob duríssima vigilância e não poderia engajar-se em nenhuma grande atividade.

É por isso que nesses países as redes sociais da internet tiveram um papel crucial. Na Síria, durante a fase inicial que durou alguns meses, as revoltas foram organizadas por comitês de coordenação (*tansiqiyyat*), a maioria deles

compostos de jovens que usavam as redes sociais virtuais. Logo, dependendo das condições políticas e sociais de cada país, diferentes fatores políticos e sociais estavam envolvidos na organização dos levantes.

Nada Matta. *Vamos observar mais atentamente o Egito e a Tunísia e então vamos nos concentrar na Síria. Enquanto pode-se rejeitar a explicação dos levantes como resultado das divisões entre as elites dominantes nos países árabes, havia crescentes tensões no Egito entre as elites emergentes neoliberais e aquilo que é referido como a velha elite militar pró-Mubarak. Como você avalia essas tensões? Você acha que elas tiveram algum impacto nas revoltas? Você acha que elas são indicativos de uma tendência geral no mundo árabe enquanto resultado do crescente papel político do capital privado?*

Gilbert Achcar. Tais características foram bastante citadas e estão cheias de devaneios [*wishful thinking*], baseados em mantras da ciência política que pregam que as classes médias são os agentes cruciais da mudança democrática. Sendo assim, inicialmente nós ouvimos muitas ideias de que os levantes eram feitos por uma classe média ocidentalizada. Todavia, a burguesia neoliberal em sua grande maioria, estava receosa com as dinâmicas das insurreições. Se em países como Tunísia ou Egito alguns deles acabaram se distanciando do regime, é somente porque os líderes tinham se tornado um fardo. Mas eles fizeram isso, fundamentalmente, para preservar o Estado. E se alguns desses membros da classe capitalista neoliberal, como Naguib Sawiris no Egito, por exemplo, projetaram-se de forma oportunista como liberais, o grosso da elite econômica não apoiou os levantes.

Contudo, tanto na Tunísia como no Egito, o Exército e boa parte do aparato do Estado acabaram se convencendo de que eles teriam que se livrar de seus presidentes para impedir as insurreições de continuarem e se radicalizarem. As pessoas esquecem que o que houve no dia 11 de fevereiro de 2011, no Egito, foi um golpe militar tanto quanto o do dia 3 de julho de 2013. Os dois golpes foram executados pelo Conselho Supremo das Forças Armadas (CSFA), liderado primeiramente por Mohammed Tantawi e posteriormente pelo presidente atual, Abdel el-Sisi. E ambos os golpes decorreram após gigantescas mobilizações de massas.

Nada Matta. *Algumas pessoas argumentam que havia um desconforto entre as elites militares do Egito com o filho de Mubarak, Gamal, assim como com o crescente poder das elites econômicas ao redor dele. Você diria que isso teve algum efeito no levante?*

Gilbert Achar. Certamente tivemos tensões no Egito entre o Exército, por um lado, e Gamal Mubarak e seus capangas por outro. Eles eram concorrentes, porque o Exército no Egito é também uma instituição econômica. Ele é, na verdade, o mais importante grupo de interesses econômicos no país. As forças armadas estavam envolvidas em todo tipo de atividades econômicas não relacionadas com os negócios dos militares. Eles agiram como um grande *holding*, competindo com alguns investidores privados e subcontratando outros – ao mesmo tempo em que afirmavam o direito de deter todos os contratos do Estado.

As tensões entre os militares e Gamal Mubarak foram exacerbadas quando Hosni Mubarak expressou sua intenção de passar o poder ao seu filho. Os militares, é claro, eram totalmente contrários a isso. Ainda mais porque isso iria contra a longínqua tradição da república egípcia de ser governada por militares. Depois de Nasser, ambos Sadat e Mubarak eram oriundos do Exército. Mas todas essas tensões não eram centrais para a insurreição. Elas foram o pano de fundo para mudanças que ocorreram no topo, mas os levantes vieram das camadas mais baixas da sociedade e não foram, definitivamente, o resultado de lutas internas das elites.

Nada Matta. *Mais recentemente o movimento sindical tem sido um protagonista nas negociações sobre o futuro da Tunísia. Pode-se até mesmo argumentar que no Egito, o aumento das lutas dos trabalhadores em 2012 poderia explicar o golpe de 2013. El-Sisi não pretendia esmagar apenas a Irmandade Islâmica. Ele queria acabar com a crescente radicalização e os alarmantes níveis de agitação social que chegaram ao auge em 2013 contra o presidente Morsi. Como e por que os trabalhadores no Egito e na Tunísia tiveram papéis diferentes?*

Gilbert Achcar. Primeiramente, como mencionei antes, infelizmente não há equivalente no Egito para UGTT tunisiana, porque desde o regime de Nasser até 2011, o movimento operário foi conduzido para um total controle estatal. Ainda que nós tenhamos visto a emergência de um crescente movimento independente de trabalhadores poucos anos antes da insurreição no Egito, ela nunca atingiu nada remotamente comparável ao movimento tunisiano.

É verdade, a classe trabalhadora desempenhou um grande papel em ambos os países, mas em um deles se tratava de uma classe organizada e no outro ela era, e ainda é, desorganizada: o que se tem é basicamente um número de independentes organizados em nível local. Os mais proeminentes foram os 24.000 trabalhadores têxteis de El-Mahalla El-Kubra no Egito, que foram a vanguarda da luta de classes egípcia antes dos levantes até os dias de hoje. Em cada momento crucial, eles estão sempre na linha de frente.

Mas a ausência de um movimento nacional classista e independente no Egito teve grandes implicações. A existência da UGTT é o principal fator que permitiu que os eventos tomassem um diferente rumo na Tunísia – acrescidos do fato de que não há no país uma tradição de governos militares: a Tunísia era um Estado policial sob o governo de Ben Ali, mas não uma ditadura militar. Então esses dois fatores combinados – a relativa exterioridade do Exército na política e a importância do movimento operário organizado – explicam o porquê de o movimento operário ter tido um papel tão central nos eventos tunisianos.

Contudo, não se trata de um movimento operário revolucionário. A esquerda se tornou hegemônica desde 2011, mas a grande maioria não é radical. A UGTT lida com as lutas básicas da economia, mas não estão almejando mudar a natureza classista do poder. E é por isso que ela busca compromissos com os patrões e com o Estado, e por isso também que ela teve um papel conciliador diante de duas facções contrarrevolucionárias do país – o antigo regime e o movimento islâmico – ao invés de lutar contra ambas por uma mudança social radical. O fato dela ter ganhado o prêmio Nobel da Paz junto com o sindicato patronal é bastante revelador.

Da perspectiva orientalista da mídia Ocidental, contudo, a “exceção democrática” tunisiana foi entendida como “cultural”. Se essas pessoas não tivessem vergonha, elas teriam atribuído a “exceção democrática” ao próprio

Ben Ali! Contudo, a verdadeira e única exceção tunisiana é a UGTT, esse poderoso e independente movimento sindical. Ele demonstra que o fator mais crucial para a democracia não é “a classe média”, tal como advoga a ciência política burguesa, mas sim o movimento operário. E de fato, o mais preciso critério para a democracia política é, na verdade, o respeito pelos direitos trabalhistas e a existência de um movimento operário independente. Você pode encontrar em diversos países uma “classe média” forte num regime ditatorial, mas você não encontrará nenhum país onde um movimento autônomo de trabalhadores exista sob uma ditadura.

Nada Matta. Nós podemos dizer que a contrarrevolução venceu em quase todos os países árabes, com exceção da Tunísia. Ainda que os tunisianos não tenham conseguido resolver sua busca por democracia e justiça social, ao menos ainda há um potencial para que se desafiem os centros de poder.

Gilbert Achcar. Eu receio que a Tunísia não seja uma exceção para a tendência contrarrevolucionária regional. Ela também está experimentando uma fase de contrarrevolução, ainda que muito mais leve do que outras. Mas o país está testemunhando um massivo retorno dos homens fortes do antigo regime. O atual presidente tunisiano – além de ser o mais velho líder mundial logo atrás de Robert Mugabe, do Zimbábue e da rainha Elizabeth da Inglaterra, com o paradoxo de supostamente ser o resultado da “revolução dos jovens” – é bastante próximo do antigo regime. O novo partido dominante na Tunísia é, em grande medida – não exclusivamente, mas em grande medida – uma rebuscada versão do antigo partido dominante no regime de Ben Ali.

Mas ao contrário do Egito, isso tudo vem ocorrendo de modo mais suave e pacífico. O fato crucial aqui é que a Tunísia agora é governada por uma coalizão entre essa renovada versão do antigo regime e o El-Nahda, o equivalente tunisiano da Irmandade Islâmica do Egito, ainda que sem a mesma força. É um cenário diferenciado em que ambas forças contrarrevolucionárias estão numa coalizão ao invés de estarem lutando uma contra a outra, e esse é, de fato, o cenário que os Estados Unidos querem expandir para toda a região: uma coalizão de rebuscados velhos regimes com uma dita oposição moderada representada pela Irmandade Islâmica e suas ramificações regionais.

Nada Matta. *Vamos falar da Síria. Por que tanta gente na esquerda mundial fica confusa diante desse assunto? O regime sírio é extremamente opressivo e sectário, mas ainda assim a revolução síria não recebeu o mesmo apoio que as outras.*

Gilbert Achcar. Eu acho que primeiramente isso se dá por conta de certos erros interpretativos diante da reação do governo americano. Aqueles que não conhecem a história da região pensam que como o governo sírio é aliado do Irã e do Hezbollah libanês, ele então é anti-sionista e anti-imperialista. A propaganda do regime sírio também tentou representa-lo dessa forma. Numa famosa entrevista no final de janeiro de 2011 que Bashar Al-Assad concedeu ao *Wall Street Journal*, antes mesmo de começarem os levantes na Síria, ele explicou como seu país estava imune aos revoltosos ventos regionais – ou assim ele pensava – pois o seu regime estava “intimamente ligado às crenças das pessoas”. Ele então acrescentou que “as pessoas não apenas vivem de acordo com seus interesses; eles também vivem de acordo com suas crenças, especialmente em áreas bastante ideológicas”. Com essas palavras, ele queria dizer que permitia ao “bastante ideológico” povo sírio acreditar que ele era um anti-sionista e anti-imperialista e com isso, conseguira aprovação popular para o seu regime.

Logo, quando Hosni Mubarak foi derrubado pelo Exército egípcio, a televisão estatal síria mostrou as notícias com a seguinte manchete: “A queda do regime de Camp David”. Eles queriam acreditar, ou até mesmo fazer de conta, que a insurreição egípcia era resultado do acordo de paz de 1978 com Israel, sendo que o nacionalista regime sírio estaria imune a tal revolta popular. Isso, claro, foi puro devaneio [*wishful thinking*] e os eventos em sequência provaram isso. Agora, o fato de que as pessoas na esquerda caíam em tal propaganda e acreditariam nela é bastante deplorável. Se o regime sírio não concluiu um acordo de paz com Israel, a verdade é que não foi por falta de tentativas dos sírios, mas por falta de vontade do lado israelense. Na verdade, houve uma série de negociações entre os dois países. Antes de 2011, o então primeiro-ministro da Turquia, Erdogan, estava mediando um acordo com o seu bom amigo Bashar El-Assad e Israel.

O que tornou o acordo de paz entre Israel e Síria mais difícil de sair do papel foi que o feito com o Egito está diretamente ligado à geografia. Israel entregou o Sinai de volta ao Egito porque militarmente ele era uma trincheira e especialmente porque uma das condições para o tratado é que ele fosse completamente desmilitarizado. Durante esse período, o Exército egípcio teria de cruzar o deserto entre o canal de Suez e a fronteira israelense, podendo ser dizimado completamente pela força aérea israelense. Em contraste, as colinas de Golan são uma posição estratégica que diretamente olham para o território israelense pré-1967. E é por isso que Israel oficialmente anexou as colinas em 1981. Além da Jerusalém oriental, essa é a única parte dos territórios árabes ocupados em 1967 que Israel anexou oficialmente. O regime de Assad entrou no Líbano em 1976 com a benção dos israelenses e dos Estados Unidos para conseguir esmagar a OLP e a esquerda libanesa, e assim salvar a direita libanesa de uma grandiosa derrota. Depois da invasão israelense no Líbano em 1982, o regime Assad continuou aquilo que Israel havia começado, ou seja, expulsando os lutadores palestinos da metade sul do país, incluindo Beirute.

No ano seguinte, a partir dessa procuração, o regime Assad expulsou a OLP e o próprio Arafat do território do norte do Líbano. Damasco apoiou os seus aliados libaneses do movimento sectário xiita, Amal, na sua guerra contra os campos palestinos ao longo da década de 1980. E em 1990, Hafez El-Assad juntou-se a coalizão americana no massacre contra o Iraque, envolvendo assim as tropas sírias na guerra. As pessoas ignoram ou se esquecem disso. Não há absolutamente nada anti-imperialista no regime de Assad. Ele é um regime puramente oportunista e mafioso que corre atrás apenas dos seus interesses. Ao mesmo tempo, esse é um dos regimes mais despóticos da região, praticando uma repressão extremamente brutal.

No início dos anos 1980 ocorreu uma intensa repressão contra a esquerda: cerca de mil membros do clandestino Partido da Ação Comunista foram presos e submetidos à intensas torturas. Centenas deles permaneceram na prisão por sentenças que variaram entre dez a vinte anos, ainda que eles nunca tenham se envolvido em qualquer violência e sequer tenham advogado saídas violentas. O regime sírio vem implementando um programa neoliberal nos últimos quinze anos com resultados bastante visíveis. A Síria viu o crescimento de uma das mais corruptas e vigaristas classe de capitalistas e o próprio clã Assad mudou

sua posição de força militar e política para se tornar o principal controlador do poder econômico. O primo de Bashar El-Assad é o atual homem mais rico da Síria. E muitos de seus outros parentes ficaram muito ricos também. Por outro lado, no espectro social, a Síria testemunhou um crescente desemprego, uma desindustrialização acelerada e o empobrecimento das regiões rurais. Tudo isso levou a enormes tensões sociais que explodiram em 2011. No que diz respeito a isso, a Síria seguiu o mesmo padrão do resto da região.

Nada Matta. *No que se diferem, se é que se diferem, aqueles que foram contra Bashar El-Assad em 2011 em relação aos seus contemporâneos na Tunísia e no Egito?*

Gilbert Achcar. Para poder justificar seu apoio ao regime Assad, algumas pessoas argumentam que o levante sírio, ao contrário de outros países árabes, foi liderado por forças reacionárias islâmicas. Isso, novamente, é completamente falso. Primeiro, porque tanto na Tunísia quanto no Egito, aqueles que tiraram maior proveito das insurreições foram justamente as forças fundamentalistas islâmicas. Tanto a Irmandade Islâmica no Egito e o El-Nahda na Tunísia venceram as primeiras eleições em seus países.

Então, se o argumento é que as insurreições sírias caíram sob o domínio de forças islâmicas, então aqueles que utilizam desse argumento deveriam apoiar os antigos regimes da Síria e da Tunísia para serem coerentes. Na verdade, parte da esquerda na Tunísia e no Egito agora apoia os antigos regimes por conta de um argumento semelhante. No Egito, a maior parte da esquerda apoiou o golpe de El-Sisi, ainda que depois tenham se arrependido de terem feito. O fato mais básico é que teve levantes *populares* na região.

Se as forças fundamentalistas islâmicas conseguiram se tornar dominantes entre as forças organizadas nessas insurreições, sem exceções, isso certamente se deve à, por um lado, fragilidade prática e/ou política da esquerda. Mas por outro lado, principalmente por elas serem um produto de décadas de regimes despóticos. E não deveríamos perder isso de vista. O regime sírio não era um escudo contra o fundamentalismo islâmico, nem era Mubarak, ou Ben Ali e nem mesmo Assad ou El-Sisi nos dias de hoje.

Desde que Bashar El-Assad subiu ao poder, sucedendo o seu pai de maneira tão dinástica, ele passou a encorajar o salafismo na Síria. As pessoas que estavam familiares com a situação síria podiam perceber a proliferação dos *niqabs* (véus) nas ruas do país. Isso foi estimulado pelo jovem Assad, que acreditou que isso traria paz social ao seu regime e também que essa reacionária ideologia salafita islâmica manteria as pessoas afastadas da política. E isso eventualmente se voltou contra ele.

A história é semelhante em todo âmbito regional. Os Estados Unidos favoreceram o fundamentalismo islâmico contra o nacionalismo árabe e a esquerda desde 1950, até que eventualmente isso também se voltou contra eles. Para derrotar o nasserismo, Sadat libertou a Irmandade Islâmica das prisões e deixou que a entidade se organizasse. Eles foram tolerados enquanto partido de massas sob o governo de Mubarak, ainda que sob forte vigilância. Ao esmagar a esquerda com a ajuda das forças fundamentalistas islâmicas, os Estados Unidos e os regimes locais produziram as condições para a ascensão de uma oposição dentro de suas forças.

Acrescente a isso o fato de que quando o levante sírio começou, o regime de Assad fez tudo que pôde para prevenir o desenvolvimento de um movimento democrático, secular e não-sectário. E essa era a maior ameaça aos olhos do regime. Ele esmagou tal movimento com muita brutalidade, prendendo dezenas de milhares de jovens que eram a força organizacional do levante.

Ao mesmo tempo, como já foi documentado em muitos artigos e livros, o regime tirou das prisões os jihadistas que foram utilizados na guerra do Iraque. Soltar eles acabou sendo um ato extremamente maquiavélico do regime, pois visava cumprir a profecia que ele mesmo anunciara de que o levante era uma ‘conspiração de jihadistas’. O regime fez de tudo para criar condições favoráveis ao crescimento do fundamentalismo islâmico na Síria para alterar o próprio caráter da insurreição.

Durante esse momento, ele confiou cada vez mais sua defesa em grupos xiitas ligado ao Irã atuando no Líbano e no Iraque, e eles certamente não são menos fundamentalistas do que a maioria das forças islâmicas anti-Assad. Aqueles que afirmam que o regime sírio é “secular” ignoram a obviedade desses fatos. A Al-Qaeda surgiu na Síria como frente Al-Nusra em 2012, com um grande envolvimento com seu ramo iraquiano, o chamado Estado Islâmico do

Iraque (EII), do qual antigos membros do partido Baath iraquiano, irmão do partido Baath sírio, tiveram um papel crucial.

Quando eles decidiram fundir a Al-Nusra com o EII com o nome de Estado Islâmico do Iraque e da Síria (al-Sham, ou “Grande Síria”), também conhecido como ISIS ou ISIL (traduzidos como Estado Islâmico, ou Levante Islâmico), os iraquianos provocaram uma cisão com parte dos sírios da Al-Nusra, assim como com a Al-Qaeda. Para Assad e seus capangas, isso foi um desenvolvimento bastante favorável. O EI combateu muito mais a oposição ao regime do que as próprias tropas de Assad.

A verdade é que o Estado Islâmico é o “inimigo preferido” do regime, pois eles são tão repulsivos ao Ocidente que eles acabam sendo o melhor argumento de Assad para seduzir as potências ocidentais para o apoiarem. E você pode ver claramente como o regime sírio está tentando ao máximo, com a ajuda da Rússia, convencer o Ocidente em apoiar Assad em nome da luta contra o EI. Um número cada vez maior de elites ocidentais – especialmente aquelas mais reacionárias, como Donald Trump, Marine Le Pen e outras – estão advogando essa mesma saída. Eles exigem uma aliança com Assad e Putin.

Nada Matta. *Se nós olharmos para a Síria hoje, os críticos dirão que todas as forças lutando no país são contrarrevolucionárias. Isso está correto? Os soldados que estão lutando não são, em sua maioria, sírios que lutam contra uma ditadura?*

Gilbert Achcar. Sim, de fato. Mas uma das complexidades da situação regional é que você não tem o binarismo clássico de revolução e contrarrevolução. Você tem um triângulo de forças. De um lado, um polo revolucionário que consiste num bloco de forças políticas e sociais representando as aspirações de trabalhadores, jovens e mulheres que se levantaram contra os antigos regimes aspirando por uma sociedade progressista. De outro lado, contudo, você encontra não um, mas dois campos contrarrevolucionários. Um deles é o campo dos antigos regimes, a clássica contrarrevolução. E então, por motivos históricos que mencionei anteriormente, há também forças reacionárias de caráter religioso, que inicialmente foram amparadas pelos antigos regimes como um contrapeso para

o crescimento da esquerda, mas se desenvolveram e se voltaram contra esses regimes. Ambas são forças contrarrevolucionárias no sentido de que seus interesses fundamentais e programas básicos colidem diretamente com as aspirações do polo revolucionário que luta por mudanças sociais, econômicas e democráticas.

Quando elas ascenderam ao poder em 2011, a Irmandade Islâmica no Egito e o El-Nahda na Tunísia incorporaram outra versão da contrarrevolução, uma que Washington acreditou que funcionaria melhor do que o antigo regime. E eles deram continuidade às políticas sociais e econômicas anteriores. A única mudança que eles tentaram implementar era a islamização das instituições – ou melhor dizendo, avançar na islamização das instituições no Egito, que já tivera início nos governos de Sadat e Mubarak. Surgiram tensões entre eles e os membros dos antigos regimes quando eles tentaram controlar os aparelhos do Estado. E esse foi o cenário que desencadeou o golpe de 2013 no Egito. Então você tem em toda região dois campos contrarrevolucionários rivais e um polo revolucionário. A fragilidade prática e/ou política deste último permitiu que a situação se desenvolvesse numa luta entre os dois campos contrarrevolucionários, enquanto o polo revolucionário acabou ficando marginalizado.

A Síria é o nosso caso mais extremo. Houve um grande potencial progressista no levante de 2011, talvez até mais do que em outros países por conta da grande difusão das ideias de esquerda dentre a população síria – certamente mais do que no Egito, mas menos do que na Tunísia. Porém, esse potencial não se materializou numa forma organizada. As redes virtuais são ótimas para organizar manifestações e protestos, mas elas não conseguem substituir as redes de um trabalho de base orgânico. Acrescente a isso o ativo envolvimento da fortaleza contrarrevolucionária da região, representada pelas monarquias petrolíferas do Golfo Pérsico, que fizeram o possível para fortalecer os componentes fundamentalistas islâmicos da oposição síria a todo o custo. E isso porque um verdadeiro levante democrático é a maior ameaça para eles, assim como é para Assad. Em certo sentido, eles aderiram à concepção do regime sírio de promover o componente fundamentalista islâmico da oposição para derrubar as forças seculares democráticas.

O resultado disso na Síria é que de fato a situação foi dominada por uma luta entre duas forças contrarrevolucionárias: de um lado, o regime e seus aliados e do outro, uma oposição armada cujas forças dominantes possuem uma perspectiva política profundamente contrária às aspirações progressistas expressas na insurreição de 2011. É verdade que também existem forças armadas de oposição que são menos reacionárias, ainda que dificilmente sejam progressistas. Mais importante do que isso é o fato de que a maior parte daqueles que se uniram aos grupos armados fundamentalistas islâmicos não o fizeram por razões ideológicas, mas porque ali era onde conseguiriam salários que davam conta da deterioração veloz das condições de vida oriundas da guerra. E esse é um fator central para o desenvolvimento do EI, um que permite que eles consigam recrutar milhares de soldados.

Dito isso, o potencial que explodiu em 2011 ainda não foi completamente esmagado, mas sim bastante marginalizado politicamente. Muitos daqueles que representavam esse potencial acabaram saindo exilados do país, pois eles se opunham radicalmente ao regime e foram ameaçados por ele, mas por outro lado, também porque eles viram a proliferação das forças reacionárias que eram igualmente perigosas para os progressistas. Muitos daqueles que sobreviveram e não foram presos acabaram saindo do país. Esses milhares de ativistas que incorporaram o potencial progressista e democrático da insurreição de 2011 e que estão agora no exílio são uma razão para mantermos esperanças para o futuro.

Mas no momento atual, a maior esperança que podemos ter é que se termine essa terrível dinâmica de “choque de barbarismos”, como denominei a situação após o 11 de setembro, com a barbárie do regime Assad de um lado e a barbárie do EI de outro, sendo que esse último é um produto original do barbarismo-chefe, ou seja, a ocupação americana no Iraque. A guerra civil, a destruição da Síria e o massacre do seu povo pelo governo deveriam chegar a um fim sob condições que permitissem que os refugiados e exilados retornassem às suas cidades. E isso é o mais urgente agora.

Nesse momento, não há nenhuma perspectiva para uma saída progressista. Qualquer um que acredite nisso está sonhando. Na falta de tal prospecto, o melhor que pode acontecer é que se termine a contínua deterioração trazida pela guerra entre o regime e seus opositores. E para isso acontecer, Assad deve

sair, pois não há nenhum compromisso possível, qualquer maneira de terminar o conflito, enquanto Assad estiver no governo. Ao apoiar ele, a Rússia e o Irã estão bloqueando a possibilidade de compromisso. Desde 2012 a administração Obama vem afirmando “Nós não queremos uma mudança de regime na Síria, mas nós acreditamos que Assad deveria renunciar para que possa ser firmado um compromisso entre o regime e a oposição”.

Obama advogava pelo que ele chamava de “solução iemenita”. No Iêmen, o presidente aceitou renunciar e entregou o poder ao vice-presidente e assim o regime não se modificara. Ao invés disso, você teve um governo de coalizão entre a oposição e o regime, excetuando apenas o clã do antigo presidente. Esse governo não durou muito, é verdade, mas a saída foi bem considerada por Obama em 2012 e ainda é vista pela sua administração como modelo a ser seguido na Síria. O Irã e a Rússia, contudo, temem que se a família Assad sair, isso poderia perturbar todo o regime que já se mostrara bastante abalado. Com isso, eles perderiam a Síria como um de seus aliados estratégicos na região. Portanto, eles estão defendendo o progresso de um compromisso negociado. E tal compromisso, é bem verdade, não seria nem perto do ideal.

A menos que a guerra pare, porém, não haverá um renascimento do potencial democrático e progressista na revolta Síria tal como ocorreu em 2011. O potencial ainda existe: se a guerra parar e os problemas socioeconômicos vierem à tona novamente, as pessoas perceberão o esvaziamento de ambos campos contrarrevolucionários que não têm soluções para o problema do país.

Nada Matta. *Alguns dizem que se Assad sair do poder, o EI e a Al-Nusra iriam tomar o controle. E você está dizendo que a saída de Assad pode acelerar o processo de liberalização.*

Gilbert Achcar. De fato. A principal razão que permite que Al-Nusra e o EI se desenvolvam é a contínua existência do regime de Assad. É o barbarismo repressor de seu regime contra os insurgentes que criou as condições para Al-Qaeda e EI se desenvolverem na Síria em primeiro lugar. Não havia massas prontas a se juntarem a esses grupos lunáticos. As pessoas acabaram encontrando neles uma resposta apropriada pelas atrocidades cometidas pelo regime, assim como ao caos que prevalecera. O EI aproveitou-se disso, impondo

uma ordem religiosa totalitária ao mesmo tempo em que garantia serviços sociais semelhantes aos providos pelo Estado. E é por isso que ele se denomina *Estado Islâmico*.

A única forma possível de se livrar do EI e da Al-Qaeda é removendo as causas que permitem que as pessoas se unam a esses grupos. Quando os EUA tentaram esmagar a Al-Qaeda pela força durante a sangrenta batalha de Fallujah, no Iraque, eles fracassaram miseravelmente. Somente quando mudaram a estratégia e financiaram as tribos árabes sunitas com dinheiro e armas é que eles conseguiram marginalizar a Al-Qaeda. O grupo do EI que veio da Al-Qaeda conseguiu mais tarde controlar boa parte do Iraque, no verão de 2014, pois o governo sectário e apoiado pelo Irã de Nouri Al-Maliki recriou as condições para que o ressentimento dos árabes sunitas iraquianos voltasse, permitindo que novamente a Al-Qaeda atuasse nos subterrâneos da ocupação americana. E é por isso que muitos dos sunitas iraquianos paradoxalmente temeram a saída das tropas americanas do Iraque em 2011. Por uma ironia da história, eles viam a ocupação americana como uma proteção diante do governo xiita e sectário de Maliki.

Na Síria, as condições para o ressentimento sectário dos árabes sunitas devem ser removidas para acabar com o apelo da Al-Nusra, do EI e de outros fundamentalistas. A primeira condição para fazer isso é remover a família Assad do poder, pois agora eles são alvo do ressentimento da maioria da população síria.

Nada Matta. *Vamos falar de geopolítica e os Estados Unidos. Como você descreveria a resposta americana às insurreições?*

Gilbert Achcar. Esse é um ponto onde muita gente da esquerda pensa por inércia. Muitos não conseguem compreender que a experiência iraquiana foi um total desastre. Na verdade, ela é o mais importante desastre militar da história imperialista americana. Do ponto de vista estratégico, ela é ainda pior do que o Vietnã. As pessoas não entendem que depois de Bush, a administração Obama não estava mais responsável pela mudança de regime. O lema de Barack Obama diante das revoltas árabes de 2011 foi “transição ordeira”, e não “mudança de regime”. Ele queria *preservar* os regimes com mudanças limitadas

no topo, permitindo assim uma suave transição sem envolver uma destruição dos regimes.

Isso se aplicava para a Líbia. A intervenção liderada pelos americanos na Líbia foi uma tentativa de cooptar os levantes líbios e guia-los para uma transição a ser negociada com o filho de Gaddafi, o mais ocidentalizado membro da família. Eles tentaram isso até o último minuto, mas fracassaram miseravelmente porque a insurreição em Trípoli levou ao colapso do regime. É por isso que a Líbia se tornou mais um desastre da perspectiva imperialista americana e fortaleceu o argumento contrário a “mudanças de regime” que incluíssem o desmantelamento do Estado, tal como ocorrera no Iraque. É por isso que o governo americano nunca disse que ele queria *derrubar* o regime da Síria. Eles apenas disseram que Bashar El-Assad deveria renunciar para se conseguir uma transição negociada.

Eles querem que o homem saia, mas que o regime permaneça. Os Estados Unidos viram as revoltas árabes de 2011 quando estavam no ponto mais baixo de sua hegemonia regional desde 1990. No mesmo ano de 2011, ela se retirou do Iraque sem conseguir nenhum dos principais objetivos da invasão imperialista. A intervenção na Líbia também ocorreu graças à luz verde dada pelos russos. Tanto a China quanto a Rússia se abstiveram no Conselho de Segurança da ONU. Elas poderiam ter vetado a intervenção, mas não o fizeram. Contudo, ao contrário de Gaddafi, o regime sírio é considerado um importante aliado, já que o antigo regime líbio havia mudado de lado tornando-se um grande amigo de Washington, Londres, Paris e da Itália de Berlusconi.

Quando surgiu o caso da Síria, Washington nunca realmente considerou uma intervenção militar direta. Em certo ponto, em 2013, Obama chegou a ficar preso na “linha vermelha” sobre o assunto das armas químicas, e ficou muito aliviado diante do compromisso que Assad e a Rússia ofereceram a ele. No geral, a situação é bem mais complexa do que a simplista fórmula “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”, que demonstra bastante a forma reativa que age a esquerda “anti-imperialista”.

Nada Matta. *Se tanto Rússia quanto Estados Unidos concordam em manter o regime sírio, qual é o principal desacordo entre eles?*

Gilbert Achcar. O desacordo, é claro, está em Assad. Até agora a Rússia se mantém presa a ele porque ela vê no clã Assad a única garantia para seu domínio na Síria. A Rússia não é menos imperialista que os Estados Unidos e é até mais brutal se você considerar o que eles fizeram na Chechênia, ainda que ela seja parte da Federação Russa (o equivalente a um dos estados dos Estados Unidos). Pelo padrão social, o regime russo está mais próximo da direita neoliberal do que o regime americano. Há um imposto de renda individual de 13 por cento na Rússia vs. um imposto de 40 por cento nos Estados Unidos, sem contar os impostos adicionais locais. O imposto corporativo russo é de 20 por cento versus 35 por cento no imposto federal americano, novamente sem contarmos os tributos locais. O mais empedernido republicano sonha em implementar algo assim nos Estados Unidos.

Putin também está jogando com as cartas religiosas, trazendo a Igreja Ortodoxa Russa para abençoar sua intervenção na Síria como se fosse uma Guerra Santa. A visão que algumas pessoas da esquerda têm, acreditando que há uma continuidade russa atual em relação à União Soviética e de que Vladimir Putin é herdeiro de Vladimir Lenin, é uma visão bastante desastrada.

Nada Matta. *Mas qual é o interesse imperialista dos russos na Síria?*

Gilbert Achcar. É que a Síria é um país onde a Rússia possui bases aéreas e navais e os russos estão reagindo da mesma forma que Washington reagiria em relação a qualquer país onde eles tivessem essas bases. O regime de Assad é o aliado estratégico mais próximo de Moscou nessa região. Isso também é uma forma de Putin dizer a todos os ditadores: “Vocês podem confiar em mim para defende-los contra revoltas populares, mais até do que podem contar com Washington. Comparem meu apoio à Assad com o abandono de Mubarak pelos americanos.” É por isso que Putin se tornou tão bom amigo do novo ditador egípcio, El-Sisi.

Nada Matta. *Então Putin quer melhorar seu papel imperialista no mundo árabe?*

Gilbert Achcar. As ações de Moscou são baseadas na mesma lógica das de Washington. A Rússia vê a Síria como uma vantagem estratégica da mesma forma que os Estados Unidos viram o Vietnã no passado, ou qualquer outro regime que Washington tenha decidido apoiar por meio de uma intervenção militar direta. Hoje, contudo, Putin está mais propenso a uma intervenção militar direta do que os Estados Unidos de Obama. O imperialismo americano ainda está afetado pelo legado da “síndrome do Vietnã”, que foi agora revisitada com o fracasso no Iraque, ainda que Bush-pai e Bush-filho acreditem que foi um sucesso.

Putin está aproveitando isso, sendo mais assertivo que Washington no que diz respeito à Síria, apoiando totalmente o regime de Assad, ainda que os Estados Unidos não estejam apoiando à oposição síria da mesma forma. O apoio de Washington aos opositores é mais anedótico do que algo realmente sério. Por outro lado, Moscou e Teerã promovem o regime sírio com todo seu apoio, incluindo aqui um forte envolvimento de envio de soldados por parte do Irã.

Nada Matta. *A Arábia Saudita e outras monarquias do Golfo foram rápidas ao destruírem as revoltas. O golpe de El-Sisi no Egito não teria sido possível sem o apoio saudita. Será que a Arábia Saudita irá conseguir manter esse papel por muito tempo? Quais perspectivas para mudança existem nos países do Golfo na sua opinião?*

Gilbert Achcar. Há um grande problema de fato. A Arábia Saudita sempre foi um ponto fundamental da reação na região. Esse é o papel que ela assume desde sua existência, pois ela tem sido constantemente o Estado mais reacionário do mundo. Se você considerar o EI como um Estado, você pode afirmar que os sauditas são seus rivais mais próximos. Eles têm muitas características em comum e dividem uma história semelhante, exceto que um foi fundado no início do século XX e o outro um século depois e, claro, por meios diferentes.

O reino saudita é a maior fortaleza reacionária da região, mas seu principal trunfo militar se dá mais através do seu envolvimento direto no Golfo. Eles tiveram um papel central ao ajudar a monarquia do Bahrein conter a revolta no

país. No Iêmen, a Arábia Saudita está intervindo diretamente a favor do governo de coalizão que surgiu no compromisso iemenita de 2011, que se opôs ao presidente deposto, Ali Abdullah Saleh, que agora aliou-se aos Houthis (tribos xiitas do norte do Iêmen).

Na Síria, o regime saudita tem uma participação, mas ela se dá principalmente pelo financiamento e não pela intervenção direta. Para o nosso terrível azar, os sauditas controlam um país que possui as maiores reservas de petróleo do mundo. Isso dá a eles meios substanciais que eles vêm utilizando por décadas para auxiliar seus senhores americanos e espalhar sua ideologia profundamente fundamentalista e reacionária.

De certa forma, você não pode compreender a força do fundamentalismo no mundo islâmico contemporâneo se você ignora o fator crucial constituído pelo desenvolvimento da Arábia Saudita. À longo prazo, esse bloco atrasado e ultrarreacionário precisa desaparecer para que o processo regional revolucionário tenha chance de construir um futuro progressista. Os dois polos da contrarrevolução na região árabe são apoiados por forças rivais: Estados Unidos e Rússia, pelas monarquias do Golfo e pelo Irã. E não nos esqueçamos que o Irã é também um regime fundamentalista islâmico, ainda que diferente dos demais. O processo revolucionário árabe está enfrentando todas essas forças.

Nada Matta. *Com a quantidade de dinheiro que eles têm, parece não haver perspectiva de mudança na Arábia Saudita. Eu estava pensando sobre o que você acha sobre as chances de mudança nesse país.*

Gilbert Achcar. Bem, eles têm muito dinheiro, mas há também muita pobreza no reino saudita. O paradoxo de um Estado ser tão rico como esse e ter muita miséria – e isso entre os nativos, sem contarmos os imigrantes – gera profundo ressentimento contra a monarquia. As expressões mais cruas de oposição à monarquia até agora foram superadas pela forma específica de islamismo ultra fundamentalista, conhecida como Wahabbismo. Esse foi o caso da insurgência de 1979 em Mecca e mais recentemente no caso da Al-Qaeda. Todo mundo sabe que 15 dos 19 agressores envolvidos no 11 de setembro eram

sauditas. E a Al-Qaeda ainda têm um grande número de membros com cidadania saudita.

Tal oposição foi a única a conseguir desenvolver-se na Arábia Saudita e isso se deu exatamente porque ela conseguiu trabalhar por dentro da ideologia do regime, no que seria muito mais difícil para uma oposição progressista se desenvolver, o que dirá uma oposição feminista ou até mesmo xiita. Ainda assim, existe um potencial progressista no reino e ele explodirá, cedo ou tarde. E explodirá da mesma forma que fez em outros países da região. Afinal, o xá no Irã tinha um regime bastante repressor e muitos achavam que ele era imune ao colapso.

Porém, quando a onda revolucionária teve início no Irã no final dos anos 1970, nós vimos quão rápido eles conseguiram derrubar o regime do xá. Não há governos eternos e certamente isso vale para os sauditas, ainda que ele seja baseado em terrível opressão, imensa desigualdade e pavoroso tratamento às mulheres.

Nada Matta. *Considerando sua familiaridade com a esquerda radical no mundo árabe, você está otimista com as perspectivas de uma revolução árabe? É correto afirmar que o sucesso da revolução árabe é, em última instância, o sucesso da modernização do trabalho?*

Gilbert Achcar. Para resumir o que viemos discutindo desde o início de nossa conversa, eu ainda estou esperançoso, mas eu não me descreveria como um otimista. Há uma diferença qualitativa aqui. Esperança é a crença de que ainda há um potencial progressista. Otimismo é a crença de que esse potencial sairá vitorioso. Eu não aposto em sua vitória porque eu sei o quão difícil é a tarefa, ainda mais que para se construir lideranças alternativas e progressistas em alguns países significa praticamente começar do zero. A tarefa é gigantesca, é assombrosa, mas não é impossível. Ninguém esperava insurreições tão impressionantes e progressistas em 2011.

A longa duração do processo revolucionário na região será medida em décadas ao invés de anos. De uma perspectiva histórica, nós ainda estamos nos seus estágios iniciais. Isso deveria ser um grande incentivo para que ações intensivas fossem tomadas para construir movimentos progressistas capazes de

liderar. A alternativa a isso é cair ainda mais no barbarismo e no colapso geral da ordem regional, entrando num caos tão terrível e que nós inclusive já estamos vendo acontecer em alguns países.

Quanto ao trabalho, quando falo em lideranças progressistas, que fique claro que considero que o movimento operário deve fazer parte disso. E é por isso que os países com maior potencial, tais como a Tunísia e o Egito, deveriam tomar a frente. A partir deles nós podemos testemunhar um efeito bola de neve. Não nos esqueçamos também que o mundo árabe não fica em outro planeta. Ele é parte de um arranjo global e que fica bastante próximo da Europa. Logo, o desenvolvimento de uma esquerda radical europeia também pode ter uma importante influência no desenvolvimento de sua equivalente no mundo árabe.

Referência bibliográfica

ACHCAR, G. *The people want: A radical exploration of the arab spring*. Berkeley: University of California, 2013.